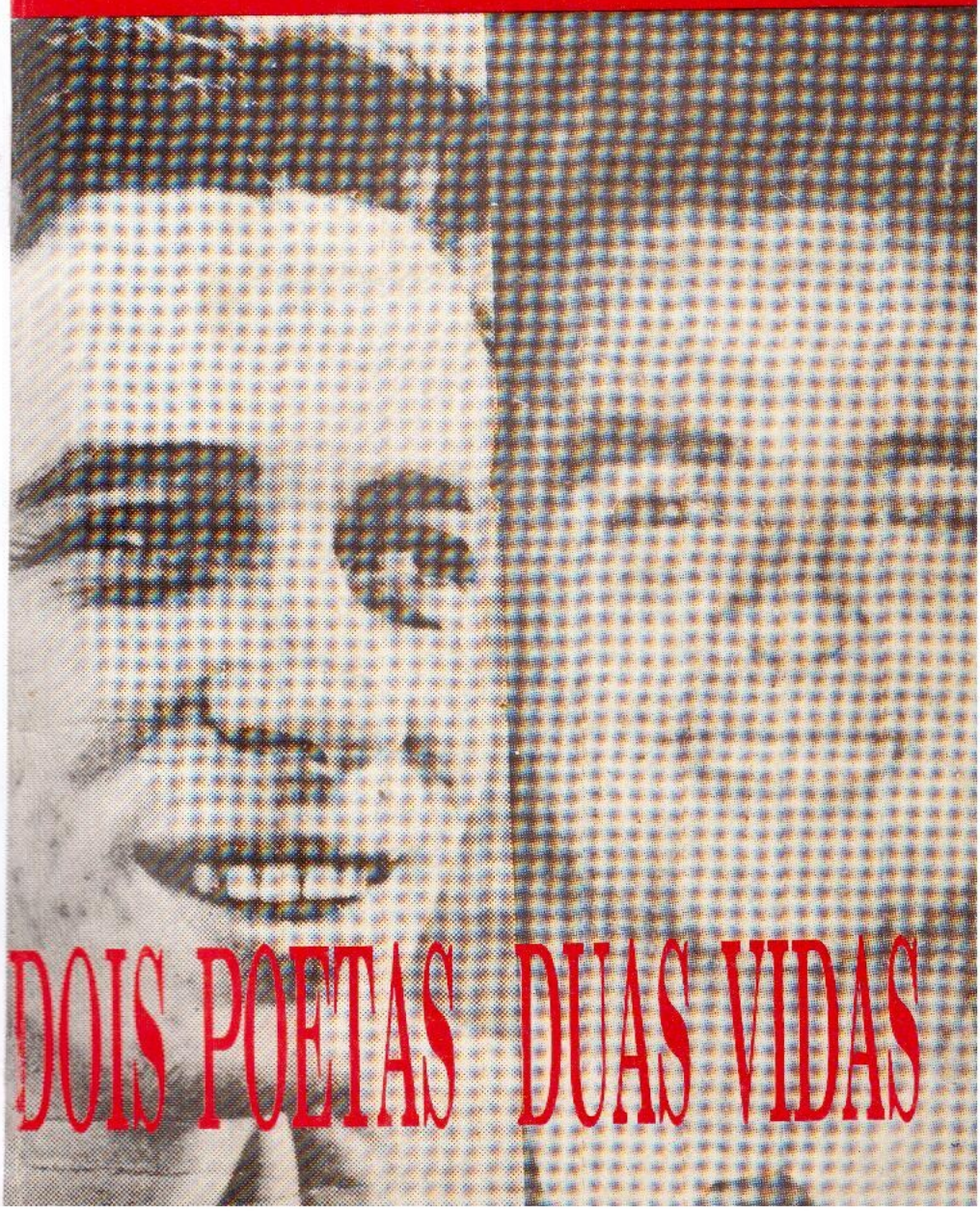
PRESENÇA

ÓRGÃO OFICIAL DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA E DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
ANO IX • 20ª TERESINA, 1º SEMESTRE DE 1993



DOIS POETAS DUAS VIDAS

REVISTA PRESENÇA

Órgão oficial do CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA e da FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ

GOVERNADOR DO ESTADO DO PIAUÍ
Antônio de Almendra Freitas Neto

PRESIDENTE DO CONSELHO ESTADUAL DE CULTURA
Manoel Paulo Nunes

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO CULTURAL DO PIAUÍ
José Elias Martins Arêa Leão

CONSELHO EDITORIAL
Maria Gomes Figueiredo dos Reis
Cristina Maria de Sousa Pinheiro Correia
Pedro Ferrer Mendes Freitas

COORDENAÇÃO
Manoel Paulo Nunes
José Elias Martins Arêa Leão

PRODUÇÃO GRÁFICA
Marleide Lins de Albuquerque

COLABORADORES
Aci Campelo
Cineas Santos
Diva Maria Freire Figueiredo
Elias Paz e Silva
Francisco Miguel de Moura
Francisco Vieira de Almeida Júnior
Manoel Paulo Nunes
Márcio de Lima Dantas
Maria G. Figueiredo dos Reis
Raimunda dos Dores Santos
Helena Conde Medeiros
Vera Lúcia de Oliveira

SUMÁRIO

3 Editorial
5 Entrevista: H. Dobal
13 Agenda
17 Literatura: O Gigante Adamastor
41 Política Cultural: Política Cultural no Piauí
43 Teatro: Artes Cênicas do Piauí — Eis a dramática
47 Tradução: Transformar um texto para atingir leitores diferentes

Retoma hoje a Fundação Cultural do Piauí a publicação da revista **Presença**, *organizada pelo Conselho Estadual de Cultura, cumprindo o programa de atividades editoriais da Fundação Cultural do Piauí, ao tempo em que é também reativado, com nova orientação, o plano editorial do Projeto Petrônio Portella.*

A Revista, como de resto outras publicações do Estado, se encontrava desativada, como desativadas se achavam as atividades de outros órgãos, na anterior administração do Governo, inclusive o próprio Conselho Estadual de Cultura, que teve funcionamento retomado a partir de janeiro do ano de 1992.

Assim, vão sendo, aos poucos, mas de modo persistente, revitalizadas as funções da administração pública estadual, graças ao empenho do meu governo em promover, no interesse do bem comum, uma política de reconstrução de nossas instituições básicas. Neste contexto, terão, evidentemente, os serviços e as instituições educacionais e culturais do Estado seu lugar de relevo.

Saúdo assim, neste segundo ano de governo, o reaparecimento da revista **Presença**, *como instrumento vivo e dinâmico desta nova política de desenvolvimento e de construção pedagógica.*

Teresina, 15 de Março de 1993

Freitas Neto
GOVERNADOR DO ESTADO DO PIAUÍ

H DOBAL

UM HOMEM PARTICULAR

Segundo Mário Quintana, "Toda *confissão não transfigurada pela arte é uma indecência ".H. Dobal - nosso poeta maior - vai um* pouco além. Como aboliu completamente o "eu" de sua poesia, não fala de si mesmo nem sob o manto transfigurador da arte.

Não se conclua apressadamente que o poeta é um homem fechado, preso à sua torre de marfim, indiferente aos rumores da vida. Dobal é um cidadão cordial, dono de uma memória prodigiosa, embora faça questão de esconder isso, e senhor de um cabedal de "causos" que, de tão convincentes, parecem fabricados. O problema é fazê-lo destravar a língua para falar de si mesmo. Mal pressente o anzol do entrevistado recolhe-se, torna-se monossilábico, quase mesquinho.

Pescar este fiapo de entrevista, que aqui se publica por insistência de M. Paulo Nunes, exigiu muita paciência, e só se tornou possível graças a uma amizade de quase duas décadas e, principalmente, à presença de Ana Cristina, uma figura tão doce que negar-lhe qualquer coisa é, no mínimo, uma indelicadeza. Ainda assim, vale lembrar que não se trata de uma entrevista no sentido exato do termo. É uma conversa entre amigos.

Cineas Santos

EFÉMERA
Li Dobal

Por toda a semana
embalado
nas canções do João
um homem alumie
dos milagres do mundo.

Nas [illegible] do dia
[illegible] manhã
[illegible] e seu desejo de paz
[illegible]
[illegible]

Os [illegible] do vento
nas [illegible] da tarde:
um [illegible]
existindo
resistindo
com
as [illegible]osas nuvens de verão

P- Onde e quando você nasceu?

R- Nasci em Teresina, em 17 de outubro de 1927.

P- De onde era sua família?

R- Os meus bisavós...o meu bisavô paterno veio do Ceará; o bisavô materno veio de Portugal.

P- Família rica?

R- Os meus bisavós eram fazendeiros em Campo Maior. Não eram poderosos. Podemos dizer que eram de classe média.

P- Família numerosa?

R- Era numerosa. Eu tenho cinco irmãos, meu pai tinha dois irmãos; minha mãe tinha muitos irmãos.

P- Seus parentes ainda vivem no Piauí?

R- Alguns. A maior parte foi embora.

P-Em sua família, alguém mais "cometeu o mau costume de fazer versos" como diria Jorge Luiz Borges?

R- Pelo lado de minha mãe, tive um tio-avô que fazia versos. Era o Abdias Neves. Havia também um primo de minha mãe, Antônio Neves, que era poeta. O meu bisavô materno veio a Teresina para fundar um jornal. Era João da Costa Neves, um português.

P- Você sabe o nome do jornal?

R- Nunca soube.

P- Ele chegou a fundar realmente esse jornal?

R- Também não sei.

P- Ele teria vindo de Portugal apenas para montar jornal?

R- Não; ele já esteva no Brasil. Veio de Caxias (Maranhão). Creio que já morava em Caxias. Acho que o jornal era a imprensa oficial.

P- Há, em sua poesia, muitas referência a Campo Maior. Que tipo de ligação você tem com essa cidade?

R- Tenho ligações afetivas e sentimentais com o município de Campo Maior, com o interior, principalmente.

P- Sua geração é constituída de intelectuais de valor: O. G. Rego de Carvalho, Vitor Gonçalves Neto, José Camilo da Silveira, M. Paulo Nunes e outros. Que tipo de informação teve a sua geração?

R- Acho que o traço que nos unia era o gosto pela leitura. Líamos tudo que nos chegava às mãos. De José de Alencar aos clássicos da literatura universal.

P- E essas coisas chegavam a Teresina? Havia boas livrarias na cidade?

R- Não, não havia. Nós pedíamos pelo reembolso, e um emprestava ao outro. O nosso grupinho se ajudava mutuamente. Comentávamos os livros lidos, trocávamos idéias. Era difícil, mas sempre dava pra gente ler alguma revista.

P- Em que colégio você estudaram?

R- Quase todos estudamos no Liceu.

P- O Liceu era o colégio de elite teresinense?

R- Não era um colégio de elite, mas era um colégio de bom nível. A gente aprendia realmente. Fiz o ginasial e o clássico no Liceu. Havia também, na cidade, a Biblioteca Pública que nos ajudava muito.

P- E os jornais? Havia bons jornais em Teresina?

R- Havia jornais políticos. Saíam, principalmente, durante as campanhas eleitorais.

P- Eram jornais de facções?

R- Eram mais boletins que jornais.

P- Cada jornal trabalhava para um grupo?

R- Eram jornais que só circulavam aos domingos. Eram "diários" que saíam semanalmente.

P- Alguns intelectuais de sua geração sabem português - alguns são até professores - e conhecem também outros idiomas. Você, por exemplo, sabe inglês, francês, espanhol e até alguma coisa de alemão. Onde vocês aprenderam línguas?

R- Pura curiosidade intelectual. Muito cedo, percebi que teria

outras horizontes se soubesse outras línguas. Eu nunca me preocupei muito em falar outras línguas, mas sim em ler.

P- Até que ponto isso influenciou o teu trabalho como poeta?

R- Isso me ajudou muito. Houve uma época em que eu lia mais os autores ingleses do que os brasileiros e portugueses. Me deu também uma visão mais ampla do mundo. Mais tarde, estive na Inglaterra e na Alemanha. Nessa altura da vida, eu tinha formado a minha base cultural.

P- Vocês mantinham algum tipo de intercâmbio cultural com outras capitais do Nordeste?

R- Muito pouco. Tínhamos contatos com o Maranhão.Nós lançamos em Teresina a revista Meridiano; em São Luís, Lago Burnett e Ferreira Gullar lançaram Afluente. Ás vezes, viajávamos para o Rio ou outro grande centro cultural, mas não tínhamos meios para viajar constantemente.

P- Como era a vida intelectual (cultural) da cidade? Além do grupo de vocês, havia grêmios, associações, academias?

R- Havia o pessoal da imprensa que se reunia nos cafés, mas nós não fazíamos parte desse grupo. O nosso era muito fechado.

P- De quantas pessoas se compunha o grupo de vocês?

R- M. Paulo Nunes, José Camilo da Silveira Filho, Eustáquio Portela Filho, O. G. Rego de Carvalho e Vitor Goçalves Neto, o "Vitinho".

P- O Vitor já era aquela figura irreverente?

R- Já era muito irreverente. Era uma figura inconfundível?

P- No grupo de você também havia um PC?

R- Sim. Era um subgrupo, uma dissidência. Camilo, Portela e eu formamos o PC, "partido do contra". Um dia, o Vitor não agüentar e disse: " Esse PC é indigesto demais para o meu gosto". Para nós, foi a consagração.

P- Dobal, havia grêmio no Liceu? Vocês tomavam parte na política estudantil da da época?

R- Não havia política estudantil nem grêmio. Às vezes, quando chegava alguém de fora, que gostava de literatura ou música, faziam-se sessões, conferências, recitais. Mas nos não tomávamos parte. Só nos interessávamos pelo que estivesse ligado ao nosso grupo.

P- Politicamente falando, como era esse grupo?

R- Era bem heterogêneo, mas com a predominância para a esquerda, centro-esquerda, talvez.

P- Vocês liam Marx ?

R- O proprio Marx, acho que nenhum de nós leu. Líamos trabalhos sobre Marx, líamos principalmente artigos publicados em revistas. Na época, não havia, como hoje, jornais que chegassem regularmente a Teresina.

P- Como era a vida noturna da cidade? Havia serestas, "tertúlias", coisas desse tipo?

R- Nós formávamos um grupinho à parte. Passávamos o tempo discutindo assuntos que não interessavam à grande maioria. Nós nos reuníamos na Praça Pedro II, indiferentes ao movimento que havia em torno de nós.

P- Vocês criaram uma "igrejinha" e...

R- Nós éramos chamados de "chatos boys ".

P- Quando lançaram a Revista "Meridiano", vocês tinham consciência de que o "Meridiano" é uma linha divisória?

R- O que nós queríamos era fazer algo que separasse. Nós não queríamos demolir nada, destruir ninguém, mas também, não exaltávamos os medalhões, as figuras consagradas que havia aqui.

P- Havia essa coisa de "consciência crítica" por parte do grupo ou tudo não passava de simples "rebeldia" ?

R- É preciso confessar abertamente: era pura vaidade e egocentrismo. Nós nos jugávamos superiores, por isso não nos misturávamos.

P- Quando circulou o primeiro número de "Meridiano"?

R- Não me lembro.

P- Foi na década de 40, não?

R- Sim, acho que sim.

P- A revista era impressa onde?

R- Aqui em Teresina.

P- Vocês aceitavam colaboração?

R- Não. Só publicávamos as colaborações que tivessem sido solicitadas.

P- Quem dirigia a revista?

R- Paulo Nunes, O. G. Rego de Carvalho e eu. A revista éramos os três.

P- Como era o O.G.?

R- Não era tão fechado como hoje. Era um pouco mais novo do que nós e nos tratava com um certo respeito.

P- Já era talentoso?

R- Muito talentoso.

P- Qual foi a reação dos intelectuais piauienses quando da publicação do primeiro livro do O.G.?

R- Teve pouquíssima repercussão aqui, justamente por ser uma obra de nível muito superior ao que se fazia em Teresina.

P- Mas o O.G. foi esperto: mandou muitos exemplares para críticos e escritores de todo o Brasil, o que acabou tendo alguma repercurssão aqui, não?

R- Sem dúvida. Ele fez um bom trabalho de divulgação. Deu oportunidade a muita gente de ler o livro dele. Como a respercussão lá fora foi favorável, ele passou a ser respeitado aqui também.

P- Todos vocês estudaram Direito?

R- Menos o Portela, que foi para o Rio de Janeiro e se formou em Medicina.

P- E o Vitor?

R- O vitor se formou na universidade da vida.

P- Havia um outro grupo na Faculdade de Direito, onde se destacava a figura do professor Clemente Fortes. Como era a relação de vocês com o professor Clemente?

R- O Paulo Nunes foi muito ligado ao Prof. Clemente; o O.G. teve um relacionamento conflituoso: os dois chegaram a polemizar pela imprensa. Quanto a mim, talvez por temperamento, não tive maior aproximação.

P- Vocês publicavam alguma coisa nos jornais de Teresina?

R- Não. Nós fundamos o nosso próprio jornal, O Autêntico.

P- Esse jornal chegou a circular normalmente?

R- Sim, mas por pouco tempo. Nessa época praticamente não havia imprensa em Teresina, a não ser os jornais políticos. Quando alguém queria dizer alguma coisa, escrevia num papel e pregava na Caluna da Hora. O Afonso Ligório foi quem fez o jornalzinho. Me lembro que foi uma emoção muito grande quando saiu o primeiro número. Nós fomos para a rua ver se alguém comprava o jornal. E compraram.

P- Onde vocês imprimiam o jornal?

R- Pelo menos um número foi impresso na gráfica do Semana, que era pai do Alberoni.

P- O que vocês publicavam no jornal?

R- Matéria jornalística e, principalmente,literária.

P- Você ainda têm algum exemplar desse jornal?

R- Não. Infelizmente não tenho.

P- E no Aquivo Público?

R- Não sei. Talvez o Afonso tenha uma coleção desse jornal.

P- Como vocês fazlam o jornal?

R- O jornalzinho era o resultado de um

esforço muito grande. Não tínhamos como fazer gravuras, clichês, etc.Então usávamos xilogravuras.

P- Alguém do grupo de vocês fazia as xilogravuras?

R- Não. A gente aproveitava a que já existia. O velho Semana ajudou nessa parte.

P- O velho Semana é personagem de um conto seu,não?

R- Não diria que a personagem é baseada inteiramente nele,mas foi criada tendo o Semana como ponto de partida.

P- Alguém do grupo de vocês chegou a participar do jornal O Pirralho?

R- Creio que não.

P- Depois de formados, cada um seguiu seu próprio rumo ou o grupo permaneceu unido?

R- Bem, cada um procurou o seu rumo. Muitos viajaram, como eu, o O.G, que foi para o Rio de Janeiro; O grupo se dispersou.

P- Vocês mantiveram algum tipo de contato?

R- Só ocasionalmente. Mas a amizade que nos unia permanece ainda hoje.

P- Até quando você morou em Teresina?

R- Até 1960.

P- Você chegou a advogar em Teresina?

R- Sim, durante um ano. Mas acho que advocacia é a pior profissão do mundo porque depende do julgamento humano e o julgamento humano é quase sempre viciado por interesses e paixões. Minha experiência como advogado foi negativa.

P- Você fez concurso para juiz?

R- Fiz e fui aprovado, mas fiz também concurso para a administração federal. Fui aprovado, nomeado e fui embora.

P- Para onde?

R- Primeiro, para o Maranhão, depois Alagoas, Rio de Janeiro, Brasília.

P- Quando você foi transferido para Brasília?

R- Em 1971. Embora fosse uma cidade nova, Brasília já havia passado pela prova de fogo. Já funcionava, ainda que precariamente.

P- Que cargo você exerceu na administração federal?

R- Primeiro, fui agente fiscal do Imposto de Consumo; depois, me dediquei mais ao serviço interno. Fui chefe de gabinete do secretário da Receita Federal; fui chefe de assessoria do Secretário da Receita Federal e professor da Escola de Administração Fazendária.

P- Quando morou no Rio você fez algum contato com os intelectuais de lá?

R- Não. Minha função não me deixava tempo para esse tipo de atividade.

P- Nessa época,você já escrevia poesia?

R- Comecei a escrever no Rio. Um dia, mostrei alguns poemas ao Odilo Costa, filho, que era muito amigo da gente. O Odilo editava a revista Senhor, uma publicação muito elegante. Ele, então, publicou nas páginas de abertura alguns textos meus. Depois,mostrou meu trabalho ao poeta Manuel Bandeira que me incluiu na Antologia dos Poetas Bissextos. Depois,mandei alguns poemas para um concurso de literatura e ganhei o primeiro prêmio.

P- Em que ano foi isso?

R- Acho que foi em 1966.

P- Quando você decidiu publicar suas poesias?

R- Foi quando saiu o resultado desse concurso literário. Eu concorri a dois concursos: um foi promovido pelo jornal O Globo. Não houve vencedores,mas foram concedidas menções honrosas e eu estava entre os agraciados. Com o meu segundo livro, O Dia sem

Presságios, ganhei o prêmio Jorge de Lima do INL, em 1971.

P- Você chegou a participar dos concursos literários promovidos pela revista A Cigarra?

R- Não. Nunca participei. Lembro de alguns contos do O.G. publicados na Cigarra.

P- Como e quando você percebeu que era poeta?

R- Acho que desde a infância. Em minha casa havia duas antologias e eu gostava muito de ler. Uma era de autores brasileiros e portugueses; a outras só de autores brasileiros. Creio que daí veio o meu gosto pelas antologias. Além disso, minha mãe colecionava poesias num álbum. Ela recortava de jornais e revistas, isso deve ter contribuído para acentuar o gosto pela poesia.

P- Mas você pensava em publicar textos em jornais, livros?

R- Não. Eu não pensava em publicar nada. Fui fazendo porque aquilo me dava prazer.

P- Você se lembra do primeiro texto que escreveu?

R- Não lembro exatamente do texto, mas me lembro da circunstância. Num fim de tarde, eu estava em casa, numa área aberta, lavando as mãos. De repente, olhei para o céu,então me veio um poema de dois versos apenas.

P- Nessa época você cursava o quê?

R- Eu estava no ginásio. Há algum tempo, encontrei texto meus escritos aos 20 anos de idade. Eram poemas muito ruins.

P- Eram ruins em nível de Piauí ou eram ruins para o seu gosto de hoje?

R- Acho que eram ruins para o meu gosto, porque no Piauí, na época, não se publicava coisa muito melhor do que aquilo.

P- Certa vez, você declarou que, quando decidiu publicar o seu primeiro livro, já tinha consciência crítica suficiente para saber que o livro tinha qualidades, certo?

R- É verdade. Quando concorri aos concursos literários, ninguém me conhecia, eu era um ilustre desconhecido, sem amigos influentes junto à comissão julgadora. Se venci, é porque naturalmente tinha algum valor.

P- No Brasil, vale mais a chamada "vida literária" do que propriamente o que os escritores publicam. Você sempre foi arredio a esse tipo de coisa. Se você tivesse se "enturmado" sua obra teria tomado um curso diferente?

R- Não. Em termos de repercussão, é possível que tivesse sido diferente. Em termos de qualidade, não.

P- Alguns críticos insistem em "enquadrá-lo " na chamada Geração de 45. Você concorda com isso?

R- Não pertenço a essa geração que, sob certos aspectos, fez oposição à geração de 22. Particularmente,sou mais ligado à geração da 1ª fase modernista, a geração de 22. Não cronologicamente, mas do ponto de vista ideológico. A geração de 45 é reacionária,não do ponto de vista político, mas do literário. Sou mais ligado à geração de 22: Bandeira, Drummond,etc.

P- Um fato curioso em sua poesia é a quase completa ausência do chamado "eu-lírico". Com exceção de dois ou três poemas,tudo é terceira pessoa.Foi uma escolha?

R- Não.Isso foi realmente inconsciente. Eu só notei esse fato quando me chamaram a atenção. Acho que isso decorre de um traço do meu caráter: não gosto de falar de mim. Não faço poesia para me mostrar, para falar dos meus problemas ou interesses,mas não foi uma coisa pensada, intencional.

P- Odilo Costa, filho, num belo ensaio, chamou-o "poeta ecumênico", talvez em oposição a telúrico. Havia, de sua parte, a preocupação de partindo de

matrizes piauienses, fazer uma coisa mais universal?

R- Não, essa precupação não existia. Acho que o Odilo falou aquilo porque, na verdade, sendo um livro calcado na realidade piauiense, poderia alcançar uma dimensão maior. Na verdade o que ocorre é que os temas são comuns a toda a humanidade.

P- Em relação ao amor, tema tão caro aos poetas,você também é extremamente contido. Não há derramamento em sua poesia. A que se deve isso?

R- Isso é de minha formação. Não gosto de ser o centro das atenções.

P- Vai dizer que nunca fez um poema para ganhar uma menininha?

R- Não, nunca fiz. Um pouco por timidez e, principalmente, porque sempre achei que seria inútil. Não funcionaria.

P- Você é um piauiense desses que dizem "está bonito pra chover". A despeito disso e do seu interesse pela poesia popular, rotulada "cordel", você sempre se distanciou do heptassílabo(redondilha maior) e dessa musicalidade que é um traço marcante na poesia nordestina. Por que isso?

R- Os temas sempre me interessaram; a forma,não.

P- Não seria preconceito?

R- Não. É que sempre tendi a ser um poeta erudito, não em contraposição ao poeta popular. Talvez porque as minhas leituras fossem muito ligadas à poesia inglesa. Eu não adotava as formas clássicas da poesia, mas também não descia até a poesia popular.

P- Você fez um extraordinário poema épico sobre o Leonardo de Carvalho, figura que sempre esteve mais ligada ao anedotário piauiense do que propriamente à chamada "cultura séria". Como surgiu o interesse por Leonardo?

R- Eu gostaria que você chamasse Leonardo de Nossa Senhora das Dores. Lendo o Francisco Pereira da Costa, descobri a figura fascinante do Leonardo,não o poeta, mas o homem. Leonardo, a bem da verdade, não era representativo da chamada "piauiensidade". Era um entusiasmado,no sentido que os gregos davam à palavra.E nós, os piauienses, não somos entusiasmados. O Leonardo era um visionário: queria construir o moto contínuo; era também um libertário, um revolucionário. O estilo do Pereira da Costa também me pareceu muito interessante, a linguagem antiga, bem próxima da linguagem dos clássicos portugueses. Foi aí que resolvi fazer aquele poema-colagem, isto é,um poema em dois planos: a narrativa histórica do Pereira da Costa e a construção poética propriamente dita.

P- Você tinha visto aquela experiência em outro poeta?

R- Não, não tinha visto nada parecido em ninguém. É que o texto do Pereira da Costa me pareceu altamente carregado de poesia, altamente dramático.

P- Poeta,você deixou o Piauí muito novo. Morou em Londres, onde as pessoas vivem pensando no sol; morou no Rio onde os cariocas detestam a chuva; viveu muito tempo em Brasília onde chove como o diabo. A despeito disso, você continua adorando a chuva, fazendo poesia à chuva. Como se explica isso?

R- Como você mesmo disse, eu sou um homem que diz: ESTÁ BONITO PRA CHOVER.

Apontamento para um poema do Rio Poty

H. Dobal

Mais na lembrança do que na paisagem
desce no seu caminho vagaroso um rio pobre.
Lento fluir de águas quase mortas.

Rio Poty
rio sem história
rio sem memória

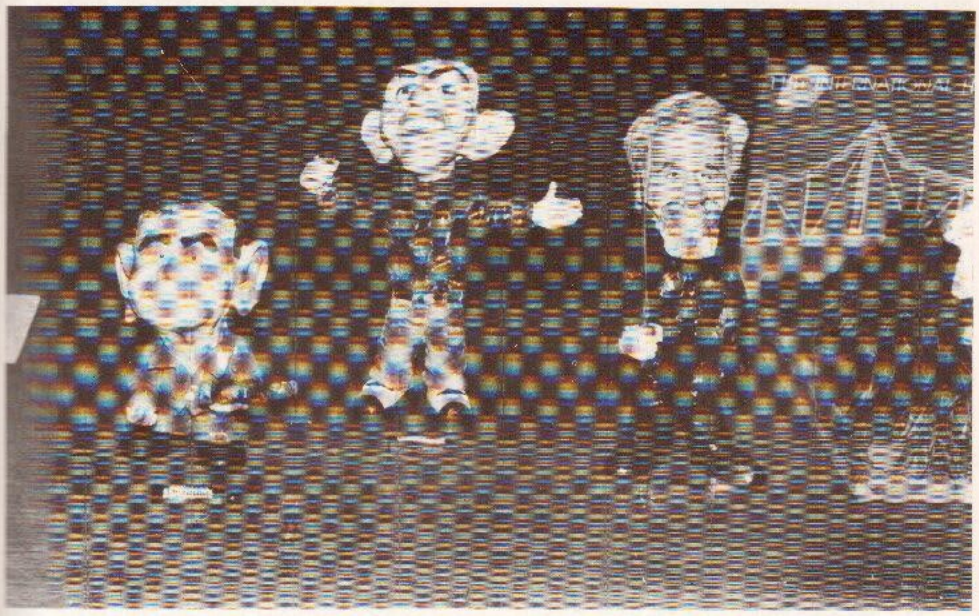
Um sinal de beleza nesse rio é cousa
exterior a ele e está confinado em palavras — o Porto
dos Noivos. Porque a beleza não está propriamente no
porto, mas nessa denominação
Com tudo que ela sugere de lirismo.

Algo fantástico nesse rio mal nutrido,
Meio devorado pelo sol: as arraias enterradas
na lama que, há muitas águas passadas,
assombravam os moleques da manhã.

Como um pássaro mudo o rio humilde
vai passando
pelos espaços do seu silêncio.

Rio Poty
rio sem surpresa
rio sem memória

Teresina, 20/07/92.

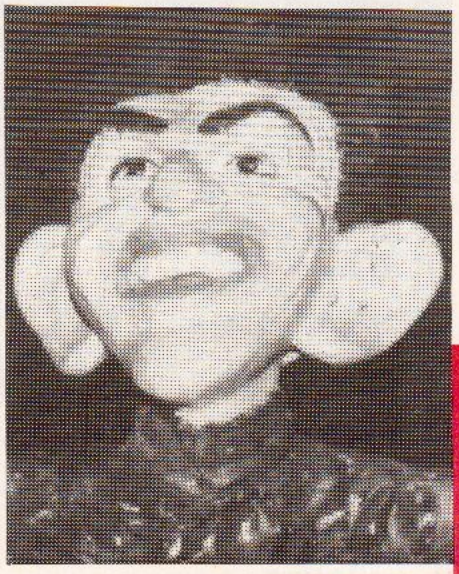


HUMOR HUMOR

Indiscutivelmente um dos maiores eventos internacionais do Humor brasileiro, o Salão de Humor do Piauí, ano passado, adquiriu nova conotação: sob a direção do escritor Cineas Santos, o XI Salão de Humor do Piauí priorizou a prata da casa, ou seja, deu preferência aos humoristas locais, que receberam homenagens públicas e medalhas — sem, todavia, deixar para segundo plano os artistas nacionais e internacionais. Ao todo, artistas de 15 estados brasileiros e de 19 países estrangeiros, num total de 119 trabalhos, participaram do evento.

O XI Salão de Humor do Piauí distribuiu quatro prêmios e quatro menções honrosas, num total de 12 mil dólares em prêmio. Ademais, realizou doze oficinas de arte, shows com artistas locais e shows populares, lançamentos de livros, exposições e inaugurou uma exposição do cartunista Lapi, homenageando Teresina.

Este ano, sob a coordenação de Ana Danelda Castelo Branco, o XII Salão Internacional de Humor do Piauí, a realizar-se em setembro, pretende seguir a mesma filosofia que o consagrou nacional e internacionalmente: um encontro de múltiplas manifestações artísticas sob o signo saudável do riso. Já está em fase de planejamento.



TEATRO DE RUA

"Tiradentes, a Ópera da Liberdade", do dramaturgo piauiense Aci Campelo, encenada no adro da Igreja de São Benedito, no dia 21 de abril de 1992, marcou as comemorações oficiais da Independência do Brasil e a retomada dos grandes espetáculos públicos de rua. A produção, ousada e grandiosa, reuniu aproximadamente cem atores. A belíssima encenação atraiu curiosos e populares, que viram e sentiram o drama de Joaquim José da Silva Xavier, o mártir da Independência Nacional. Música, dança, cavalaria, luzes e ação deram o tom. Um público estimado em 50 mil pessoas viu o Pátio da Lampadosa, cavalos e cavaleiros das Minas Gerais do século XVIII transferidos para Teresina.

A repetição do grande espetáculo, em tom de sincretismo artístico e religioso, veio com a encenação pública do nascimento de Jesus, concebido teatralmente por Aci Campelo, mostrado no dia 24 de dezembro. Atores se juntaram a capoeiristas, grupos folclóricos e catimbozeiros para fazerem a encenação do evento maior da cristandade. Outro grande momento que lembrou os autos inquisitoriais da Idade Média. Ousadia e talento.

75 ANOS DA APL

O evento reuniu, sob o patrocínio do Governo do Estado e realizações da Academia Piauiense de Letras, personalidades do mundo político e cultural nacional, durante os dias 21 a 24 de janeiro. O poeta e ex-presidente José Sarney, o Ministro da Cultura Antônio Houais, o Senador e Poeta Álvaro Pacheco, a escritora Rachel de Queiroz, o Governador Freitas Neto. O Prefeito Wall Ferraz, além de imortais de todo o Brasil e do Piauí foram participantes da grande festa. Lançamento de livros, exposição de fotografias, palestras, viagens turísticas e jantar de confraternização marcaram o evento. A Fundação Cultural do Piauí organizou a exposição, cedeu o auditório e técnicos para viabilizar o evento, cooperando para manter acesa a chama da cultura acadêmica local. O presidente da APL, Professor Manoel Paulo Nunes, formou competente equipe de acadêmicos, que deram o tom grandioso das comemorações dos 75 anos da Casa de Lucídio Freitas. A. Tito Filho, que ocupou por vinte e dois anos a presidência da APL, ganhou busto de bronze. Políticos e intelectuais receberam a medalha do mérito Lucídio Freitas, inclusive o Ministro das Comunicações, Senador Hugo Napoleão.

INTERIORIZAÇÃO DA CULTURA

A Fundação Cultural do Piauí está desenvolvendo um intenso trabalho de interiorização das atividades culturais, com o objetivo de levar aos municípios eventos culturais e propiciar o surgimento de novos talentos artísticos, através de oficinas de arte. Diversos municípios — entre os quais Parnaíba, Picos, Floriano, Campo Maior, Oeiras, Corrente e Piripiri receberam caravanas de artistas (atores, artistas gráficos e plásticos, músicos, escritores, dançarinos e artesãos), que lhes propiciaram conhecimentos técnicos indispensáveis para o desenvolvimento de atividades artísticas. Este ano, a Fundação Cultural já tem preparado um programa de atividades, cujas prioridades são a formação de novos talentos e a realização dos acontecimentos nos municípios ainda não beneficiados com o programa.

CIRCULANDO CULTURA

CIRCULANDO CULTURA é um espaço circense móvel, destinado a apresentações teatrais e musicais, cujo objetivo é levar aos bairros de Teresina a produção artística local. Inaugurado em 1992, no bairro Mocambinho, o CIRCULANDO CULTURA já levou a diversos moradores da cidade apresentações teatrais e musicais, sempre mostrando à comunidade, principalmente ao público infantil, o melhor de nossa produção. O CIRCULANDO CULTURA já esteve nos bairros: Morada Nova, Parque Piauí, Dirceu Arcoverde e em alguns municípios do Estado. A idéia, este ano, é continuar acampando a arte junto à comunidade, onde for possível armar o circo e fazer um espetáculo.

PROJETO MÃO DUPLA

Uma via de Mão Dupla ligando os estados do Piauí e Ceará.

Uma estrada trafegável, abrindo espaços para o intercâmbio cultural e artístico entre os dois estados. Com este objetivo foi criado e idealizado pelo Prof. Cineas Santos o Projeto Mão Dupla, para abrir as fronteiras culturais dos estados do Nordeste — por enquanto o Piauí mostra ao Ceará seu potencial artístico cultural depois será a vez do Ceará mostrar ao Piauí o que produz.

Mas o Projeto não pára por aí. Os demais estados nordestinos também participarão desse processo ainda este ano, para mostrarem toda a beleza desta região de grandes talentos.

Bastante prestigiado por autoridades políticas, culturais e artísticas cearenses e piauienses, o Projeto Mão Dupla iniciou suas atividades na noite do último dia 17, na Sala Antônio Bandeira, no Museu da UFC, com o lançamento da Antologia Poética Piauí e Ceará, abertura das exposições, falas de autoridades e recitais poéticos. Presentes à abertura do evento estavam o secretário de Governo do Estado do Piauí, Anfrísio Castelo Branco; o presidente da Fundação Cultural do Piauí, José Elias Arêa Leão; além de artistas piauienses. Pelo Ceará, estiveram presentes o secretário de Cultura do Estado, Paulo Linhares, o presidente da Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza, Cláudio Pereira, o reitor da UFC, Antônio Albuquerque, além do deputado estadual e poeta Barros Pinho e intelectuais alencarinos.

Nas suas falas, as autoridades políticas e culturais, sem exceção, enfatizaram os laços históricos, políticos e culturais que envolvem os dois estados. A abertura do evento teve, também, a participação de poetas e intelectuais dos dois Estados, entre os quais Roberto Pontes (que fez a seleção e apresentação dos poetas cearenses da Antologia), Gildemar Menezes (poeta cearense) e Rosemberg Cariri (cineasta local que lembrou, na sua fala, o poeta piauiense Torquato Neto).

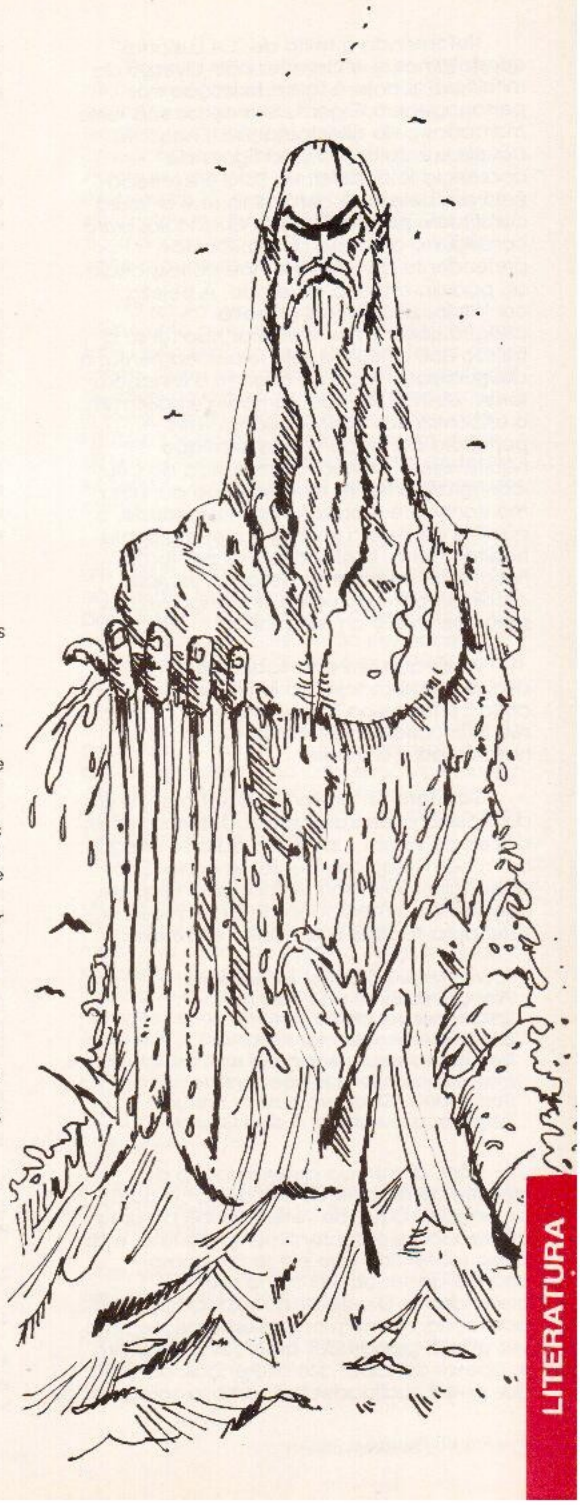
O Projeto Mão Dupla é resultado de um convênio cultural entre a Fundação Cultural do Piauí, UFC, com apoio dos governos dos dois Estados e da Fundação de Cultura e Turismo de Fortaleza. As exposições à mostra ao público cearense exibem o que há de melhor na produção de 17 artistas plásticos piauienses — com trabalhos que variam de Cr$ 2.000.000,00 a Cr$ 18.000.000,00 — as melhores charges e cartuns do Salão de Humor do Piauí — entre as quais as de Ziraldo, Chico Caruso, Mino, Paulo Moura e as fotografias de A. Müller, numa síntese da paisagem geográfica e cultural do Piauí.

O GIGANTE ADAMASTOR

Raimunda das Dores Santos *

O Gigante Adamastor, criação camoniana, localizado no V canto de " Os Lusíadas ", lembra a primeira vista o Cabo das Tormentas, lugar que no imaginário dos navegantes portugueses do século XVI se constitui como um espaço onde predominavam o perigo, o temor, o abismo. Todavia, além do Cabo das Tormentas, inscreve-se naquele episódio, uma história de amor entre o gigante e a deusa Tétis.

Segundo a mitologia, Tétis era uma das nereidas, ninfas que habitavam o mar, filha de Nereu e Dóris, esposa de Peleu e mãe de Aquiles. Destacou-se por sua beleza, chegando a ser cortejada por Zeus para ser sua mulher, todavia ao consultar o oráculo, Zeus desistiu da idéia, em virtude da previsão do vidente de que o filho de Tétis suplantaria o pai. A ação de Zeus não termina aí e realiza várias estratégias no sentido de casá-la com mortal. Tétis se esquiva para não entrar no jogo dos deuses, pois a sua pretensão era casar-se com um imortal, no entanto eles terminam vencendo e ela se casa com Peleu. Quanto aos gigantes, estes, nasceram de Géia fecundada pelo sangue de Urano, mutilado por Crono. Embora de origem divina, são mortais ou pelo menos podem ser mortos, desde que seja por um Deus e um mortal atuando em conjunto. Eram seres imensos, prodigiosamente fortes, monstruosos na aparência, na forma e na estatura, de espessa cabeleira e barba hirsuta, o corpo horrendo, cujas pernas tinham forma de serpente. Os gigantes simbolizam o predomínio das forças nascidas da terra.



Retomando o texto de "Os Lusíadas" constatamos que Camões não diverge da mitologia quanto à caracterização dos personagens, o Gigante e a deusa são seres marcados pela diferenciação. Enquanto aquele é visto como uma figura de aparência fela, disforme, esta é exaltada pela sua beleza. A disformidade e a feiúra constituem para o Gigante obstáculos para conseguir o amor da deusa. Como pretendente da ninfa ele não correspondia ao padrão estético esperado. A beleza constituía, portanto, a primeira desigualdade entre eles. Mas não foi só a beleza que dificultou este relacionamento: a desigualdade social, a origem, a linhagem foram obstáculos que, também, impediram o encontro dos dois. Enquanto Tétis pertencia à linhagem daqueles que habitavam o Olimpo, uma réplica do céu, iconograficamente representado por uma montanha de reputada inacessibilidade, o que lhe confere a imortalidade, o gigante habita a terra, destaca-se por sua força física, realiza trabalhos pesados, sempre escolhido para guardião dos tesouros, dos palácios, mas é um ser mortal.

Vê-se que um está ligado às forças do alto, da supremacia, da imortalidade; o outro pertence ao baixo, o que faz destacar sua inferioridade, seu caráter finito de ser nascido para a morte.

Constata-se, portanto, que há entre as duas personagens desigualdades marcantes, difíceis de serem superadas para se chegar a um bom relacionamento amoroso. Estas diferenças são reconhecidas pelo Gigante, que solicita a mediação de Dóris, mãe de Tétis, para facilitar o encontro entre eles:

"Como fosse impossível alcançá-la
Pela grandeza feia do meu gesto,
Determinei por armas de tomá-la
E a Dóris este caso manifesto.
De medo a deusa então por mim lhe fala;
Mas, ela, com fermoso riso honesto
Respondeu: "Qual será o amor bastante
De ninfa, que sustente o dum Gigante?"[1]

Dóris, diante da determinação do gigante de recorrer ao uso da força para conseguir o amor de Tétis, não lhe dá uma certeza sobre o consentimento da filha, mas deixa subtentido que ele terá alguma chance de ser aceito como seu pretendente. Diante dessa expectativa de aceitação, crescem as suas esperanças, uma vez que "É grande dos amantes a cegueira" e, apesar de saber das diferenças, acredita que possui qualidades tais como: a coragem, a força, a potência, os sentimentos de honra, as quais poderiam pesar, equilibrando as desigualdades.

É nesse clima de expectativa que surge, ao longe, a deusa com sua sensualidade provocando o gigante, que cai na sua armadilha, pois "É grande dos amantes a cegueira".[2] O seduzido não percebe que as deusas são industriadas a provocar os mais incautos, especialmente os apaixonados e quando os têm como sua presa ou sob o seu domínio, elas os recusam de maneira perversa. Este é o jogo da sedução. A sedução não é igual à conquista amorosa. O amor quer se dar. A sedução pura e simples é promessa destinada a frustrar. O sedutor tem que mentir a si mesmo e sobre si mesmo. A Deusa Tétis se apresenta com todo requinte de perversidade. No momento em que o gigante se aproxima dela e a acaricia ela se metamorfoseia em pedra e vice-versa.

"Oh que não sei de nojo como o conte:
Que crendo ter nos braços que amava
Abraçado me achei co'um duro monte
De áspero mato e de espessura brava
Estando co'um penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angélico **apertava**,
Não fiquei homem, não; mas mudo e quedo
E junto dum penedo, outro penedo"[3].

A petrificação remete à impotência, esta é a conseqüência da desmedida tanto do gigante quanto da deusa. Vimos o caráter perverso da deusa. Todavia o gigante também não está excluído da perversão pelo fato de não querer ou não saber compreender os limites. Ele exclui de sua relação todas as demais deusas e se concentra de forma exacerbada no amor de Tétis, a quem pretende conquistar a qualquer preço, embora reconhecendo a impossibilidade de alcançá-la. A petrificação lembra a medusa, cujos olhos eram tão brilhantes que transformavam em pedra aqueles que os olhavam. Ela simboliza um sentimento de culpabilidade ou um castigo da desmedida humana. A desmedida é sempre um ato de perversão. Segundo a

1. CAMÕES, Luís Vaz de. "Os Lusíadas". São Paulo, Cultrix, 1980. P. 153.

2. Ibidem. P. 154.

3. Ibidem. 153.

4. KEBL, Maria Rita. Masculino/Feminino: O olhar da sedução in NOVAES, Adauto. O olhar. São Paulo. Companhia das Letras, 1990. P. 421.

psicanálise é um ato infantil. Todas as crianças são perversas, isso significa que elas não concentram a libido em torno da genitalidade, o lugar da diferenciação entre os sexos. A criança é polivalente ou polimorfa. Ela não quer limite algum. A diferença é o limite. A perversão seria a negação do limite, gozo não genital. "Renegar é saber e não querer saber é perceber e esquecer o percebido". "É grande dos amantes a cegueira"[5].

Ao se ver petrificado o gigante perde a potência e a fala. Sente-se castrado pela perda da virilidade. Isso constitui a maior derrota para o homem, pois foi atingido na sua honra, na auto-estima. É doloroso para ele ter que conviver com essa falta e assim ele decide deslocar-se para bem distante, onde ninguém o conheça, para evitar ser ridicularizado pelos demais. Constata-se que a indiferença da deusa é apenas um jogo de simulação. "Qual a mentira da mulher na sedução? Que ela não deseja mas se faz desejar. Que ela possui os atributos desejáveis da feminilidade, mas ela não pede nada, pois nada lhe falta".[6]
Ela é completa. "Ela fere a pretensão fálica masculina; ela alia seus truques fetichistas à recusa sexual. Ao recusar se torna duas vezes poderosa: uma pelo mistério que não deixa desvendar, a outra pela auto-suficiência que aparenta, questionando a auto-estima que o homem centraliza em sua potência sexual".[7]
A indiferença de Tétis é apenas um truque. Ela faz o gigante purgar todas as suas faltas, mas o preço maior é pago por ela: o preço da renúncia do prazer sexual.

A recuperação do estado de impotência se inicia com a entrada de um terceiro, no caso Vasco da Gama, que se dispõe a ouvi-lo. Logo de chegada, o navegante percebe que há um clima de tensão, pois pairava uma atmosfera pesada, hostil, numa clara demostração que algo grave havia acontecido ou estava prestes a acontecer. A sua surpresa e o seu temor aumentam quando se defronta com a figura disforme do gigante. Este reage ante a presença do navegador, considerado intruso e levanta a voz fazendo profecias catastróficas contra os portugueses. O gigante parece ser o guardião de um tesouro: **o mar sagrado.** Para interromper esse discurso premonitório, Vasco da Gama o interpela sobre sua origem. Parece que ele tocou no ponto nevrálgico no qual Adamastor jamais gostaria de falar.

Passa, então, o gigante a contar a sua história, relatando antigos acontecimentos, ocorridos entre ele e Tétis. Recupera as lembranças mais remotas, mais ameaçadoras; recupera recalques, pontos dolorosos: arranca da memória imagens esquecidas. O caminho da rememoração é percorrido mostrando primeiro o lado forte para depois expor o lado fraco. É a luta entre a censura e o recalque.

O relato do narrador se apresenta como uma auto-análise, carregada de um saber psicanalítico que se adianta ao saber crítico. "Tudo se passa como se o escritor já deixasse ao crítico indicações precisas para o encaminhamento da análise. Segundo Lacan: "Os poetas, que não sabem o que dizem, como é do conhecimento de todos, entretanto dizem sempre as coisas antes dos outros".[8].

Ao final do relato o Gigante chora, há um barulho no mar, o monstro desaparece ao mesmo tempo em que se desfaz o clima pesado ali predominante. A tomada de consciência que, até então permanecia insconsciente, parece ser o caminho para a cura.

O choro que, para muitos é um sinal de fraqueza: "O homem que é homem não chora", aqui tem uma conotação de leveza, de fluidez, de distensão, como quem se livrou de uma grande culpa. Agora ele está livre para voar e ser feliz.

Fica subentendido que falar ou narrar é uma maneira de encontrar a cura. Assim Sharazade conseguiu curar o rei Sharyar após mil e uma noites de história. Assim o Gigante se libertou do fardo da impotência. A liberdade dá ao homem a possibilidade de reconhecer os limites. Reconhecer os limites é aceitar a castração; é compreender que estamos sempre inseguros, que as certezas são relativas. O que parece estabelecido se

---

5. Idem, Ibidem. p. 153.

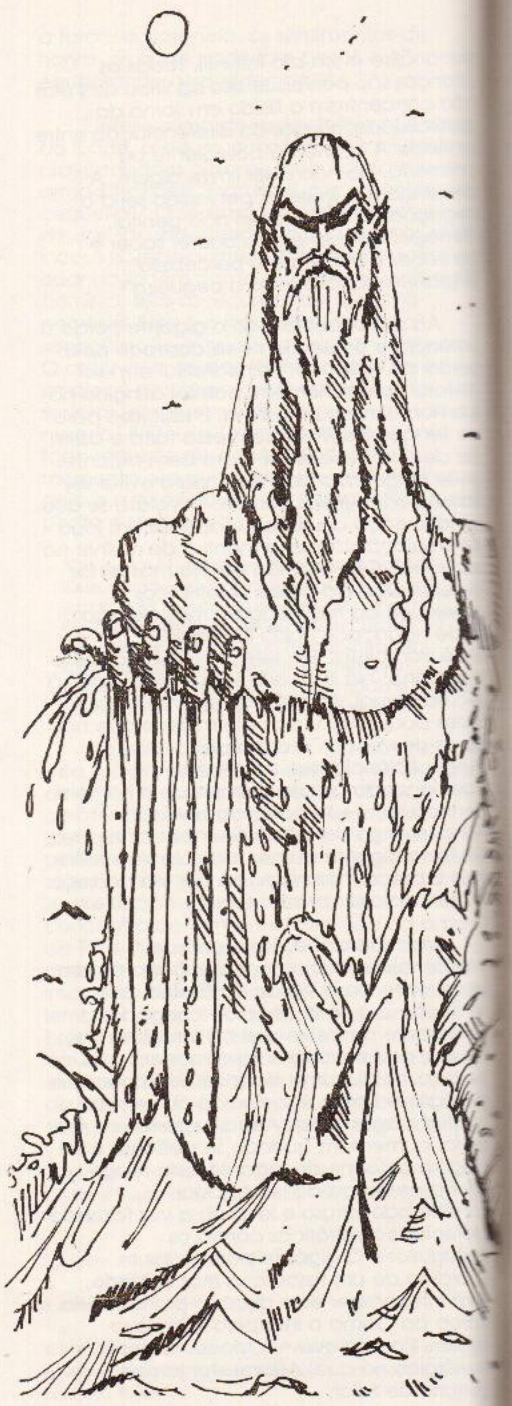
6. KEBL, Maria Rita. Masculino/Feminino: O olhar da sedução in NOVAES, Adauto. O olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 1153.

7. KEBL, Maria Rita. Masculino/Feminino: O olhar. São Paulo, Companhia das Letras, 1990. p. 421.

8. MOISÉS, Leila Perrone. Flores da escrivaninha. São Paulo, Companhia das Letras. p. 118.

desfaz continuamente. "Que o falo se perde e se conquista". "Sobe e desce na bolsa de valores do desejo".[9] Nada é definitivo.

Vimos que o texto camoniano, escrito há 420 anos atrás, 1572, continua nos seduzindo esteticamente pela atualidade do seu discurso. O homem e a mulher continuam buscando um no outro aquilo que lhes falta, mas sempre temendo encontrar na diferença a extensão dessa falta. O amor e o desejo antes, agora e sempre seguirão dominando a vida psíquica através de sentimentos ambivalentes: de dor e alegria, de angústia e esperança, impulsionados por correntes contraditórias que fundamentam o núcleo da perversão: " a que sabe e a que não quer saber; a que busca contato e que evita. Se temem o contato é porque de alguma forma os fere. Se continuam buscando contato é porque o amor também cura".[10].



---

*Professora de Literatura Portuguesa da UFPI
Mestre em Literatura Portuguesa pela UFRJ

9. KEBL, Maria Rita. Masculino/Feminino: O olhar da Sedução in O olhar. p. 416.

10. Ibidem. p. 1420.

DOIS POETAS DUAS VIDAS

Maria G. Figueiredo dos Reis*

A cultura piauiense comemorou, em 1992, os 30 anos de morte de MÁRIO FAUSTINO e os 20 anos da morte de TORQUATO NETO, dois nomes da maior expressividade no campo de nossas letras e que alcançaram um lugar de destaque no âmbito nacional, principalmente pelo caráter inovador da arte que cultivaram, apesar do pequeno espaço de tempo que viveram. MÁRIO foi traído pela morte que o perseguiu em pleno vôo, levando-o (1962) no ápice de sua vida artística, quando mal completara 32 anos. Dez anos depois, a morte veio buscar TORQUATO, guiando-o ao suicídio (1972), quando, aos 28 anos, afirmava-se no mundo artístico brasileiro.

Em depoimento a Régis Bonvicino (SP, 4 de agosto de 82), Décio Pignatari afirma que "Torquato Neto foi o Mário Faustino do Tropicalismo". Estabelecido este paralelo entre os dois poetas, tentaremos um exame comparativo da produção artística dos dois.

Antes, porém, de limitarmos o nosso estudo ao tempo/espaço/local/Nacional, parece-nos importante uma ligeira reflexão sobre este mesmo tempo/espaço não local, não nacional.

Foi a partir da década de 60 que surgiram, principalmente na Europa, pesquisadores voltados para o estudo da linguagem literária.

A grande maioria desses autores adotou como ponto de partida a classificação de Ramon Jakobson quanto às diferentes funções da linguagem, em que o lingüista aponta, centrada na mensagem, a função poética. Esta, por sua significação ambivalente, em razão de produzir efeitos especiais que fogem ao domínio gramatical, extrapola a própria linguagem pela qual se manifesta.

Consciente de que o texto poético escapa cientificamente às normas da linguagem gramatical, aqueles estudiosos se propuseram a detectar os princípios que explicassem o fenômeno, numa tentativa de definir uma possível Teoria do Discurso Poético. Contudo, mesmo partindo de um ponto comum, a função poética, a discussão sobre a linguagem literária polemizou-se, segundo as diferentes nuances perseguidas pelos estudiosos, apesar de buscarem uma mesma resposta à questão.

Antecedendo a estes teóricos sobre a arte poética, surgiu no Brasil, em meados da década de 50, um crítico de poesia, voltado para a prática do verso, a leitura do texto/poema e preocupado, igualmente, com o problema do discurso poético, ensaiando novas construções, novas técnicas, novas lições de elaboração e compreensão da Poesia. Estamos falando de MÁRIO FAUSTINO que começava a revolucionar a vida literária brasileira com suas lições de POESIA-EXPERIÊNCIA, ministradas através do Suplemento Literário do Jornal do Brasil (de 23.09.56 a 01.11.58).

Assumindo o papel de orientador daqueles que se iniciavam na arte do verso, MF adotou como lema "repetir para aprender, criar para renovar", traduzindo, assim, o caráter perfeitamente didático daquela página onde apontava os novos caminhos estéticos da poesia brasileira. Simultaneamente, jornalista, poeta, tradutor, professor e crítico, Faustino mostrou-se inovador em tudo que fazia, revelando-se um profundo conhecedor da arte que criava com amor e perfeita consciência crítica.

Juntemos agora Torquato Neto e Mário Faustino para constatarmos os muitos pontos coincidentes nas vidas dos dois maiores nomes piauienses da modernidade artística nacional. Ambos nasceram em Teresina: Torquato em novembro (44), Faustino em outubro (30) ambos morreram longe d'o Piauí, este no Peru, em novembro de 62; Torquato no Rio, em novembro de 72, exatamente dez anos após a morte daquele a quem, artisticamente, sucedeu. Tanto Faustino, quanto Torquato viveram intensamente para a arte, embora num espaço mínimo de suas meteóricas existências. Torquato e Faustino iniciaram-se na vida literária como jornalistas. Ambos se destacaram num momento de renovação cultural do país. Faustino foi o grande renovador da poesia brasileira; Torquato participou do movimento Tropicalista de vanguarda, destacando-se como poeta, compositor, cantor, cineasta, ator e novelista e, como Faustino, foi profundo conhecedor da arte que fazia com persistência e amor.

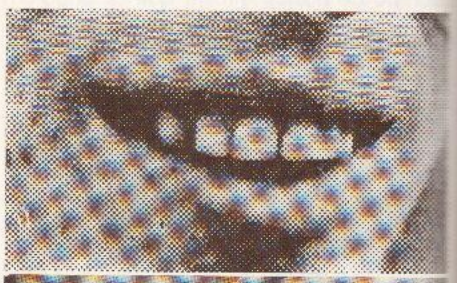
Analisemos, agora, os dois poetas, marcando os pontos de oposição que os distanciam. Mário e Torquato — dois artistas, dois momentos unidos pelo espaço, semelhantes pela originalidade, diferentes pelas formas de expressão, pelas propostas poéticas abordadas.

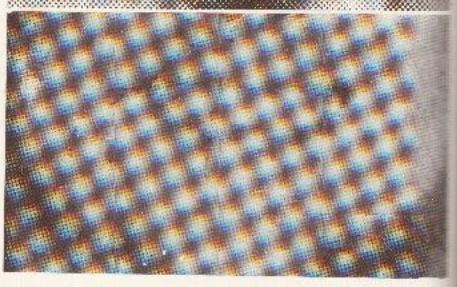
A linguagem poética, por sua peculiaridade própria de desvio da linguagem denotativa, alcança nos versos de Mário Faustino uma pureza de concepção, um significado ambivalente, às vezes impenetráveis quando lidos de forma linear, exigindo da crítica, à sua interpretação, uma leitura sintagmática/paradigmática.

Em Torquato Neto, a linguagem poética é simples, direta, alcançando o desvio da gíria. O metro, a rima, a estrofação se enquadram nos moldes flexíveis dos padrões da modernidade, inclusive pelo uso da modinha ritmada pelos versos em redondilha

"quero chegar sem demora
nessa cidade encantada
dizei-me logo senhora
que essa chegança me agrada".
(minha senhora)

A lingugem poética de Faustino é difícil, imprecisa, trabalhada e, muitas vezes, enigmática. Seus poemas fogem às normas tradicionais, a partir da construção do soneto em uma só estrofe ou, ainda, do soneto construído de 27 versos (Soneto), de metro e estrofe variadas. Enquanto os versos de Faustino escapam ao domínio popular, as frases poéticas de Torquato são de uma clareza transparente, atingem o grande público, transformam-se em ritmo melódico, música, canto, embalo sonoro.





"não é você
nem sou mais eu
adeus meu bem
(adeus adeus)
você mudou
mudei também
adeus amor
adeus e vem"
(andarandel)

Poeta das contradições, Faustino, enquanto nega afirmando, concilia os opostos, construindo dialeticamente uma simbologia de conflitos para poder resolvê-los, numa ordem de sucessão tão contínua quanto sua própria arte de fazer verso. Céu e terra, vida e morte, amor e ódio, verdade e mentira, cristianismo e paganismo, coragem e medo transfiguram-se, chocam-se ou se assimilam, numa metamorfose, só possível, através da dialética linguagem faustiniana.

Na abordagem temática os dois poetas se distanciam, embora versando sobre o mesmo motivo. As rimas de Toquato são claras, precisas; os versos de Faustino são herméticos, incógnitos.

"O poeta é a mãe das artes
e das manhas em geral. Alô poesia:
os poetas do país, no carnaval,
têm a palavra calada
pelas doenças do mal"
(Torquato)

Primeiro Poema

"Todas as coisas são palavras minhas:
a mais pura das nuvens
a mais pura que veio de longe e não se dissolveu
.....
Mas eu não sou Senhor
embora venham comigo a Música e o Poema.
Por que vos ajoelhais se eu vim por sobre as ondas
e só tenho palavras?
Ouvi a minha voz de anjo que acordou:

Sou Poeta
(Faustino)

Torquato encontra na paródia, na intertextualidade, motivos para poetizar. Bilac, Gonçalves Dias, Drummond e outros mais e até mesmo o anonimato popular estão presentes nas suas estrofes.

"— ser mãe
é desdobrar fibra por fibra
os corações dos filhos"
(mamãe, coragem)

"minha terra tem palmeiras
onde sopra o vento forte"
(marginála II)

"quando eu nasci
um anjo louco muito louco
veio ler a minha mão
.....
vai bicho desafinar
o coro dos contentes"
(Let's Play that)

"e era uma vez
um sete e um oito
comer biscoitocoitobiscoito"
(Do lado de Dentro)

Poeta de formação clássica, Faustino procura nas parábolas, nos mitos, nos enigmas a fonte mista de inspiração para tematizar/polemizar.

"E os saltos já não podem mais traçar
O mito que exercemos, a parábola.
.....
Quanto foste traído! O luar torto
Raiva no campo aberto onde esta noite
Um profeta estremece no seu túmulo"
(Noturno)

"Assim um Fazedor empunha o cetro
Ornado de serpentes;
Assim refaz o que foi feito à sua
Augusta semelhança"
(Mito)

"Aqui,
Sábia sombra de João, fumo sacro de Febo,
Venho a Delfos a Patmos consultar-vos"
(O homem e sua Hora)

"Nesse jardim, quantos as mãos deixavam
Levar aos lábios que os atraiçoaram!
.....
E estava lá um deus crucificado
Beijando uma vez mais o enforcado"
(Estava lá Aquiles, Que Abraçava)

Dois poetas, duas vidas: "Vida Toda Linguagem", Mário Faustino; dois poetas, duas viagens: "Viagem Língua Linguagem" Torquato.

*Vice-Presidente do Conselho Estadual de Cultura (Professora da UFPI)